



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1105

18.05.2024 (135)

Michael Kühnen

A segunda revolução Volume II: O Estado Popular

Parte 2

A paz O nacional-socialismo é a paz!

Nenhum outro termo foi tão utilizado pelos democratas e bolchevistas como "paz" e "política de paz". Isto deve-se, provavelmente, ao facto de os "cruzados da democracia e da humanidade", os Aliados da Segunda Guerra Mundial e os seus servos alemães, não terem conseguido, nem sequer de forma rudimentar, criar uma ordem de paz e acabar com a guerra contra a Alemanha. Falam disso e tentam provar aos povos da Europa que há mais de trinta anos que a paz foi instaurada.

Isto é errado, tanto do ponto de vista moral como jurídico. Enquanto a Europa e a Alemanha - o coração do continente - estiverem divididas e à mercê de senhores estrangeiros, não se pode falar de paz.

Não só o povo alemão, mas todas as nações da Europa estão mais ou menos dependentes das duas superpotências, impedidas de moldar o seu futuro em livre auto-determinação. A horrível e sangrenta fronteira no meio da Alemanha e o roubo das zonas fronteiriças, que no seu conjunto constituem cerca de um quarto do território do Reich, são, naturalmente, ainda mais dolorosos para a Alemanha do que a situação dos outros povos. No entanto, a nossa simpatia vai sobretudo para aque-

les que estão ameaçados de morte nacional - como os povos bálticos e a nação ucraniana. Falar aqui de paz é um cinismo zombeteiro, uma bofetada na cara dos povos oprimidos do Leste e do Oeste.

Enquanto o direito e a liberdade não estiverem assegurados para todas as nações da Europa, vivemos numa ordem pós-guerra que não remonta a um tratado de paz, mas aos acordos de armistício de 1945. O objectivo do movimento de libertação alemão é estabelecer uma verdadeira ordem de paz na Europa e, assim, substituir a infeliz ordem pós-guerra por uma Nova Ordem ocidental-étnica em toda a Europa!

O nacional-socialismo é a paz!

A vertente moral corresponde também à situação jurídica:

Perante a evolução militar desesperada, a Wehrmacht alemã depôs as armas em 8 de Maio de 1945. Esta capitulação só se estendeu até ao fim das hostilidades e não afectou nem a existência do Grande Reich alemão nem a sua ordem interna.

O Presidente do Reich nomeado pelo Führer, o Grande Almirante Dönitz, e o seu governo foram reconhecidos de facto como governantes pelos Aliados: Os Aliados não insistiram em capitulações individuais por parte das unidades da linha da frente, mas negociaram os pormenores da capitulação geral com o Comando Supremo da Wehr-macht, que estava subordinado ao governo do Reich.

O resultado da rendição incondicional da Wehrmacht foi a ocupação completa do território do Reich pelas quatro potências vencedoras aliadas. Mesmo este passo não alterou a situação legal do Reich e do seu governo, que até então continuava a ter um controlo alargado e cujas decisões eram também executadas por agências militares e administrativas. O regime de ocupação e a detenção ilegal que teve lugar algumas semanas mais tarde apenas impediram o governo do Reich sob o comando do Grande Almirante Dönitz de exercer efectivamente uma actividade governamental.

É importante ter em conta que a tomada do poder pelas potências ocupantes, a divisão do Reich, a separação do Ostmark e de outras províncias fronteiriças e o subsequente estabelecimento de um governo sombra democrático e bolchevique nas respectivas zonas de ocupação, tem muito a ver com poder e força, mas pouco com o direito internacional e nada com a liberdade de um povo para moldar a sua própria ordem interna.

O banditismo sem precedentes da detenção de um governo legítimo e a tomada arbitrária do poder pelas forças de ocupação num país que apenas se tinha rendido militarmente não é um acto criador de direitos, mas uma clara violação do direito internacional. Daqui decorre:

"TODOS OS GOVERNOS ALEMÃES DO PÓS-GUERRA NA BRD, DDR E BR/ÁUSTRIA SÃO E FORAM ILEGAIS! "

O único representante legítimo do Grande Reich Alemão é o Presidente do Reich, Dönitz, que nunca se demitiu e nunca reconheceu a ordem pós-guerra dos vencedores.

O Grande Reich Alemão assentava essencialmente em três pilares:

DIE WEHRMACHT rendeu-se incondicionalmente em 1945. Uma tentativa - por exemplo, como uma organização clandestina de lobisomens - de quebrar este armistício não teria qualquer hipótese.

O GOVERNO DO REICH, como centro do organismo estatal, passou para o Grande Almirante Dönitz após a morte do Führer. Este último continua, portanto, a ser - até à sua demissão ou morte - o chefe de Estado legal do Grande Reich alemão, mas, por razões de idade, já não participa na luta política pela Alemanha. No entanto, não levantou qualquer objecção quando o Presidente do Reichstag alemão e líder da "Freiheitsbewegung Deutsches Reich", o camarada Manfred Röder, assumiu a representação do Reich em termos de direito estatal. Só o futuro poderá dizer se este passo foi sensato.

O NSDAP foi declarado a única vontade política da nação pela lei sobre a unidade do partido e do Estado. O movimento é, portanto, ainda hoje, o porta-voz irrestrito e legítimo do povo e do Reich.

É claro que estas considerações legais têm apenas um valor limitado para a luta política pela Grande Alemanha. No entanto, é útil lembrarmo-nos constantemente de quão frágeis são as fundações dos regimes alemães de ocupação do pós-guerra, no Leste e no Oeste, à luz do direito internacional, e porque estamos a lutar contra os estados de ocupação.

Nós, nacional-socialistas, exigimos o fim do pós-guerra!

O fim do período pós-guerra, isto é, concretamente:

☐ Levantamento da proibição nazi,

☐ Restauração da capacidade de acção do Grande Reich Alemão,

☐ que proíbe a integridade territorial e a soberania nacional da nação alemã e o início imediato de negociações de paz com o objectivo de um tratado de paz pan-europeu que possibilite uma coexistência segura e livre dos povos e que não im-

peça o caminho para a necessária Nova Ordem racial völkisch.

O nacional-socialismo é a paz!

De facto, o movimento de libertação alemão é o único grupo político no nosso país que leva a sério o slogan da "política de paz". A política de paz é a tentativa de ultrapassar a ordem do pós-guerra!

A conclusão de um tratado de paz tem como objectivo uma verdadeira reconciliação das nações ocidentais com base no direito e na liberdade. Só uma tal política de paz porá fim à Segunda Guerra Mundial contra a Alemanha e dar-nos-á a certeza de que nunca mais haverá uma guerra fratricida na Europa.

O nacional-socialismo é a paz!

Por isso, tomamos à letra os arautos das frases da "democracia" e da "humanidade", os grandes "cavaleiros do direito internacional". Apelamos às antigas potências inimigas e aos seus colaboradores: "*Reconheçam o movimento de libertação alemão como representante da nação alemã e façamos uma paz de direito e liberdade! Não depende de nós, nacional-socialistas, que a Alemanha continue dividida e que a Europa só tenha conhecido uma paz baseada na violência e não uma paz verdadeira!*"

Os lutadores pela liberdade nacional e os povos da Europa há muito que estão unidos. Dizem: "*Nunca mais a guerra entre os povos brancos! Queremos a paz!*"

Se os democratas e os bolcheviques se recusarem a renunciar aos métodos de violência do pós-guerra e a respeitar o direito internacional, os combatentes da liberdade - Nacional-Socialistas, Nacional-Socialistas e Fascistas da Europa - varrê-los e farão a paz das nações!

O nacional-socialismo é a paz!

Poder mundial e política mundial

As forças crescentes do nacionalismo a nível mundial estão a quebrar a ordem mundial bipolar, a divisão da Terra entre as superpotências EUA e URSS. Estão a surgir novos blocos de poder, grandes nações estão a despertar - a China, a Arábia e o Brasil são apenas alguns exemplos. Para nós, esta evolução tem três vantagens:

O fim da divisão do mundo leva ao afrouxamento dos antigos blocos de poder e uma aliança com as novas potências mundiais emergentes aumenta as hipóteses de

uma política neutra da "Terceira Via" para ultrapassar a divisão da Alemanha e da Europa.

As novas potências já não pertencem à ordem vitoriosa da Segunda Guerra Mundial. Elas abordam a Alemanha de uma forma imparcial e, em parte, até amigável. A sua crescente importância afecta o poder das potências vencedoras, os EUA e a URSS, e afrouxa o estrangulamento a que estiveram sujeitos os nossos povos durante décadas. As potências vencedoras, a Grã-Bretanha e a França, já se afundaram na escuridão da história e não vão impedir o renascimento da Alemanha.

As novas potências, que se definem maioritariamente como não-alinhadas, são possíveis parceiros numa frente mundial nacionalista que tem de se considerar antidemocrática, anticomunista e anti-sionista. Uma Alemanha nacional-socialista poderá inserir-se de forma significativa nesta frente mundial. É aqui que se encontra a base da política mundial alemã.

A indicação de nomes de possíveis aliados neste contexto não implica, naturalmente, qualquer antecipação da orientação da futura política externa alemã, nem a afirmação de que estes Estados, na sua actual forma de Estado e de governo, já estariam preparados para uma tal política. Outra coisa é decisiva:

O Estado Popular Nacional-Socialista deve tornar-se uma potência líder dos Não-Alinhados e participar numa frente mundial nacionalista que varrerá a ordem do pós-guerra e pode ser considerada como o precursor de uma comunidade de povos baseada em fundamentos nacionais e raciais.

Assim, a Alemanha voltará a contribuir para a política mundial.

A Alemanha é uma potência mundial que não se atreve a utilizar o seu considerável poder para promover interesses nacionais. Nós vamos mudar isso. Não podemos esperar que outras potências actuem de forma a satisfazer os nossos objectivos. Vamos agir nós próprios!

Habitat

A longo prazo, a política de poder mundial só pode ser levada a cabo pelos Estados que dispõem de espaço vital suficiente. Habitat, no entanto, não significa simplesmente domínio sobre uma grande área, como queria dizer Mussolini, que na sua ambição imperial "coleccionou desertos" para a Itália no Norte de África e na Abissínia. Pelo contrário, Lebensraum significa:

- Base alimentar segura: Uma potência mundial deve poder alimentar-se a si

própria em caso de necessidade. Não deve expor-se ao perigo de ser atingida no seu nervo vital por um bloqueio. O bloqueio do Império Alemão pelas potências da Entente durante a Primeira Guerra Mundial, que contribuiu significativamente para a desintegração da frente interna, demonstra como isso pode ser devastador.

- Base segura de matérias-primas: o que se aplica aos géneros alimentícios deve ser tido em conta, quase em maior medida, no abastecimento de matérias-primas. Também neste caso, a auto-suficiência ou o acesso seguro às matérias-primas mais importantes deve ser possível, pelo menos num futuro previsível.
- Base populacional segura: uma potência mundial deve ter ainda hoje uma população suficientemente grande.

O enorme movimento estratégico de pinça nas frentes oriental e africana da Segunda Guerra Mundial, no qual o Exército do Cáucaso e o Afrika Korps se teriam encontrado em solo turco, teria sido decisivo para a guerra. Mas as forças de uma nação de 80 milhões de habitantes não eram suficientes para isso, mesmo com a maior tensão. Assim, a Frente Oriental permaneceu no Cáucaso e o Afrika Korps na frente do Egipto.

Assim, se a Alemanha quer entrar no círculo das potências mundiais, tem de conquistar uma esfera de domínio que permita a auto-suficiência de, necessariamente, pelo menos 100 milhões de alemães no sector alimentar e das matérias-primas.

Adolf Hitler já o tinha reconhecido desde cedo, e aqui reside a razão decisiva para a inevitabilidade da expansão para Leste do Grande Reich Alemão. Não havia apenas um "ou - ou" fatal entre a visão do mundo nacional-socialista e a ideologia bolchevique, mas também a decisão histórico-mundial entre a potência mundial alemã e a soviética. É uma consequência da cegueira criminoso do Ocidente, que na sua estúpida ilusão antifascista, em vez de nos virar as costas, até se aliou ao bolchevismo, que a União Soviética se tornou uma potência mundial e ameaça a liberdade de todo o mundo.

Nós, nacional-socialistas da nova geração, temos de retirar consequências radicais do resultado desta luta pelo poder mundial:

O comportamento do Império Britânico e dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial mostra-nos que a esperança de uma frente unida anticomunista com os sistemas do Ocidente é uma vã ilusão. Mas foi precisamente nesta ilusão que se baseou toda a política nacional-socialista de expansão para Leste, que pretendia transformar a União Soviética na "Índia alemã" e contava com a neutralidade do Império. A má avaliação da política britânica e americana contra a Alemanha conduziu à guerra de duas e várias frentes, que, juntamente com as maqui-

nações sionistas e reaccionárias-maçónicas, foi responsável pela nossa derrota.

A resposta a esta situação actual só pode ser uma frente resoluta contra os sistemas do Ocidente e a reconciliação e cooperação estreita entre os povos germânicos e eslavos!

O nacional-socialismo renuncia à ideia da expansão oriental!

As nossas exigências territoriais no Leste limitam-se às fronteiras de 1.9.1939. A renúncia à expansão oriental não significa, evidentemente, que queiramos agora conquistar o espaço vital necessário no Ocidente ou noutros locais.

Pelo contrário, o tempo das conquistas violentas e das guerras civis brancas está tão ultrapassado como o tempo dos grandes impérios coloniais. Na melhor das hipóteses, resta saber se os Estados negros africanos não demonstraram suficientemente a sua incapacidade de se governarem a si próprios e de conquistarem a independência. Mas, mesmo em África, a Alemanha já não pode conquistar um espaço vital sem o apoio do Ocidente ou do Oriente. E mesmo assim, isso exigiria uma marinha dispendiosa, o que não é do interesse da política alemã.

Renunciar a uma posição de poder mundial seria uma traição à tarefa da Alemanha no mundo e o início do fim da raça ariana na Europa. Apenas os povos germânicos, o povo central da raça branca, tinham o poder de salvar a raça branca, de vencer a luta racial e de moldar uma nova ordem mundial. Por outro lado, nós, Nacional-Socialistas, não temos qualquer interesse numa nova luta fratricida entre as nações brancas, que também custaria à nossa raça as suas últimas posições de poder e eliminaria completamente a Alemanha. Agora, no entanto, as nossas fronteiras legais, o Grande Reich Alemão em 1.9.1939, simplesmente não são suficientes como espaço vital para garantir a autarquia de pelo menos 100 milhões de alemães.

Reconhecemos aqui, portanto, uma nova tarefa autónoma do nacional-socialismo da geração jovem, que, embora continue a lutar por um espaço de vida suficiente para os alemães, de acordo com as leis da luta pela vida, tem obviamente de percorrer novos caminhos para o fazer.

O espaço vital de que necessitamos abrange toda a região mediterrânica, ou seja, toda a Europa, a Turquia, o Irão e toda a Arábia - por outras palavras, um Imperium Romanum alargado!

